

BOTAR PRA FORA TODOS ELES!

TRABALHADORES TÊM UMA ALTERNATIVA CONTRA TEMER E DILMA

Ato na Avenida Paulista pelo “Fora Temer, Dilma, Cunha, Aécio e esse Congresso”, realizado no 1º de maio, mostra que é possível construir uma alternativa da classe trabalhadora frente à crise



FOTO: Paulo Rodajna

POLÊMICA

O que o PT quer com a tese do suposto golpe contra Dilma? Páginas 6 e 7

INTERNACIONAL

Governo da China vai demitir dois milhões de operários Página 11

NACIONAL

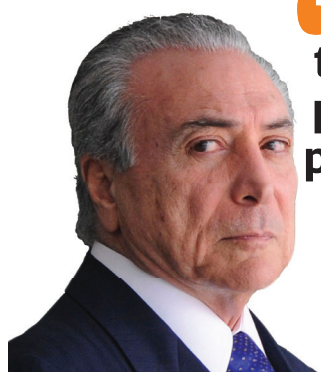
Operadoras querem limitar uso da internet para lucrar mais Página 5

páginadois

CHARGE



Falou Besteira



“O Estado deve transferir para o setor privado tudo o que for possível em matéria de infraestrutura”

Michel Temer (PMDB), em seu documento “Novo Começo”
(O Globo, 29/4/2016)

CAÇA-PALAVRAS

Países envolvidos na Segunda Guerra Mundial

E S T A D O S U N I D O S I
Í H H Q T Ã A Ã M Ã Ç U V N
P À Q A F S Ã Í T T I Â S G
B R A S I L K Í Ú V V Í O L
F F É T T B H R Ô Û Ê Y J A
É É Ç R A P L J Ê O Â X L T
Í V Q A L E M A N H A Í Ã E
L C I N I O U P P Á Ò V Ó R
C H I N A R Ê A F W Ã U Ê R
Z X Ã O Ê N T O K X R S N A
Í Ê Ô Ê R D Ã M L Ô Ú Z P Ã
A W Ô Ç Ò L E H Ó Ó É S R V
Í U Õ R Ô G Q A Ú Í A A G G
A U T R A L I A Í À D I Y D
Ô Q Ò Ê Ã Ô G V I K S Ò Ã E

RESPOSTA: Alemanha, Japão, Itália, Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, China

Pegadinha do malandro

Na sessão dedicada a ouvir os denunciadores do impeachment no Senado, o senador Randolfe Rodrigues (REDE-AP) pregou uma peça em Janaina Paschoal, uma das autoras do pedido de impeachment de Dilma. O senador explicou a edição de decretos de créditos suplementares específicos (as tais pedaladas fiscais) e perguntou a opinião de Janaina sobre eles. A advogada disse que os créditos suplementares sem a

autorização do Congresso Nacional configuram crime de responsabilidade e devem ser punidos com o impeachment. Randolfe respondeu: “Muito bem, fico feliz com sua opinião, porque a senhora acabou de concordar com o pedido de impeachment do vice-presidente Michel Temer. Essas ações que eu li foram tomadas pelo vice”. Constrangida, Janaina ainda tentou se explicar e defender Temer.

O governo do latifúndio



Dilma contará com Kátia Abreu no Senado

O governo que enterrou a reforma agrária escalou uma ruralista para defendê-lo no Senado: a ministra da Agricultura, latifundiária e ex-presidente do Conselho Nacional de Agricultura (CNA), Kátia Abreu. Ela é a mesma que criminaliza os sem-terra, que disse que o Brasil não tem mais latifúndios, que os indígenas saíram da floresta pra invadir fazendas, que

pobre tem que comer alimentos com agrotóxicos, que ganhou o troféu Motosserra de Ouro, do Greenpeace por apoiar e promover desmatamentos, especialmente na Amazônia. No Senado, Kátia Abreu fez uma defesa enfática e emotiva de Dilma, dizendo, entre outras coisas, que está com a presidente porque acredita “na sua idoneidade, honestidade e espírito público”.

Dia tenso

Os dias decisivos que antecedem o provável afastamento de Dilma foram marcados por episódios pra lá de surreais. Mas o dia 27 de abril foi particularmente inacreditável e mostrou o quanto os políticos brasileiros estão afastados da realidade do povo. Neste dia, o senador Fernando Collor, notório corrupto, apresentou no Senado o que ele chamou de “diretrizes para um plano de reconstrução do país”, ou seja, um plano para retirar o Brasil da crise, como ele explicou. A volta de Zélia Cardoso de Mello no Ministério da Fazenda e o confisco da poupança, porém, não foram cogitados por ele. No mesmo dia, o pastor Silas Malafaia foi recebido por Michel Temer. O vice rezou com o pastor, que estava acompanhado de outro religioso, o pastor Everaldo (PSC-SP), e recebeu bênção e elogios sobre seu eventual governo. Ainda no mesmo dia, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), nomeou Fernando Padula como coordenador do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Padula é investigado na fraude da merenda e ex-chefe de gabinete da Secretaria da Educação. Com o PSDB é assim: roubou é promovido.

fala POVO!

Escreva curto e grosso. Mande sua denúncia, experiência de luta, crítica ou sugestão ao jornal para que todos possam ter um cantinho nesta seção. Garantiremos, assim, que todos os estados e regiões do país possam falar das injustiças e mostrar o caminho da luta. Envie para os contatos abaixo.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Raíza Rocha, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor “Bud”

IMPRESSÃO Gráfica Lance (11) 3856-1356

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opinio@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



NOSSAS SEDES

NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776
www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opinioa@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua 13 de Maio, 75, Poço
em frente ao Sesc| pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP.
68908-310, Bairro Pacoval. Tel: (96)
3224.3499

AMAZONAS

MANAUS - R. Manicoré, 34 -
Cachoeirinha CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua General Labatut, 98,
primeiro andar. Bairro Barris
pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - Rua Padre Paulo Tonucci
777 -BB Lj -08 - Nova Vitória
CEP 42849-999

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 -
Benfica. (85) 3044.0056
JUAZEIRO DO NORTE - R. São
Miguel, 45 - São Miguel.
(88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A,
Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul.
(61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106,
Lt-28, casa 02 -Setor Leste Universitário.
(62) 3541.7753

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496,
sala 10 - Monte Castelo.
(98) 8812.6280/8888.6327
pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 -
Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Rua Brasilândia, n. 581
Bairro Tiradentes
(67) 3331.3075/9998.2916

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera
Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala
2001. bh@pstu.org.br
BETIM - (31) 9986.9560
CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 -
Eldorado. (31) 2559.0724
ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro
Fonseca Paiva, 188/303 -
Bairro Avenida. (35) 8402.1647
JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco,
1310 (sobrado) - Centro.
pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41,
Bairro Rosário. (31) 8837-0478 |
pstumariana@gmail.
S. JOÃO DEL REI - Rua Dr Jorge
Bolcherville, 117 A - Matosinhos.
Tel (32) 88494097 pstusjdr@yahoo.com.br

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127.
(34) 3312.5629|

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM Centro - Travessa 9 de janeiro, n.
1800, bairro Cremação (entre Av. Gentil
Bittencourt e Av. Conselheiro Furtado)

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio
Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco
(83) 241-2368.

PARANÁ

CURITIBA - Rua Ébano Pereira, 164,
Sala 22, Edifício Santo Antônio
Centro - CEP 80410-240

MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11.
Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 |
(44) 9856-5034

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua do Príncipe, 106,
Soledade, Recife-PE CEP 50050-410
www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva,
421. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 155 -
Lapa. (21) 2232.9458
rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard
Romero, 584/302. Próx ao CDD
Correios de Vaz Lobo.

CAMPOS - Av. 28 de Março, 612,
Centro. www.camposrj.pstu.org.br

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro
Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.

NITERÓI - Av. Amarel Peixoto, 55
Sala 1001 - Centro.

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira
de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de
Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 -
Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior,
546 - Centro

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43,
sala 202 - Aterrado.
(24) 9.9864-7972
pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Princesa Isabel, 749
Cidade Alta - Natal - RN
84 2020.1290
http://www.psturn.org.br/
pstupotiguar@gmail.com

SEDE NOVA NATAL - Av. dos
Caboclinhos, 1068. Conjunto Nova
Natal - Natal - RN

GABINETE VEREADORA AMANDA
GURGEL - Câmara Municipal do Natal
Rua Jundiá, 546, Tirol, Natal
(84) 3232.9430 / (84) 9916.3914
www.amandagurgel.com.br

MOSSORÓ - Rua Filgueira Filho, 52
Alto de São Manoel

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243
Portinho, 243
(51) 3024.3486/3024.3409
pstugauchoblogspot.com

GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva,
1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463

PASSO FUNDO - Av. Presidente
Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom
Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos,
77 - Centro. (48) 3225.6831

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 -
Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579
pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO

CENTRO - R. Libero Badaró, 336
2º andar. Centro. (11) 3313-5604
saopaulo@pstu.org.br

ZONA LESTE - Rua Henrique de
Paula França, 136 - São Miguel.
(11) 99150 3515. CEP 08010-080
ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 -
Santo Amaro. (11) 99850 0170
ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 -
Lapa de Baixo. (11) 98195 6893

BAURUR - Rua 1º de Agosto, 4-47.
Edifício Caravelas, 5º andar, Sala
503D. baurupstu@gmail.com

CAMPINAS - R.Saudanha Marinho, 990.
(19) 3201.5672

GUARULHOS - Cônego Valadão, 325,
Gopoúva. (11) 4966.0484

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor
Siqueira, 614 - Campos Eliseos.
(16) 3637.7242

SÃO BERNARDO DO CAMPO -
R. Odeon, 19 - Centro
(atrás do terminal Ferrazópolis)
(11) 4317-4216

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
(17) 9.8145.2910
pstu.sjriopreto@gmail.com

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu
Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista.
(12) 3941.2845

SUZANO - Rua Manoel de Azevedo, 162
Centro. (11)9.7188-5452 / (11) 4743-1365
suzno@pstu.org.br

SERGIFE

ARACAJU - Rua Propriá, 479 - Centro
Tel. (79) 3251 3530 CEP: 49.010-020

GREVE GERAL! FORA TODOS ELES JÁ!

Recordes Olímpicos

Brasil bate recordes de desemprego, arrocho, desigualdade social e de rejeição ao governo e ao regime político

No país das Olimpíadas de 2016, os índices econômicos sociais batem recordes de desigualdade social.

Há menos de cem dias dos jogos olímpicos, no dia 29 de abril, o IBGE divulgou o índice de desemprego de 10,9% no país, que representa 11,1 milhões de pessoas desempregadas. Um aumento de 22,2% ou 2 milhões de pessoas em relação ao número de desempregados que havia entre outubro e dezembro de 2015. É a maior taxa de desemprego da série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad do IBGE) iniciada em 2012.

De acordo com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), em março de 2016, 60,2% do acordos salariais foram fechados com reajustes abaixo da inflação, que foi de 11,1% segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). Há um ano, a maioria das negociações coletivas obtinham reajustes acima da inflação.

Enquanto isso, banqueiros e empresários têm lucros astronômicos e se aproveitam da maior recessão dos últimos 20 anos para demitirem e rebaixarem os salários e, assim, lucrarem mais ainda. E o governo... nada faz.

O banco Itaú Unibanco, financiador das campanhas eleitorais do PT e do PSDB, lucrou R\$ 23,35 bilhões em 2015, o maior lucro anual da história de um banco registrado até hoje segundo dados da Economatica.

A isenção fiscal às montadoras, concedida pelo governo federal, que perdurou anos, representou uma perda, só em 2014, de RS 11,5 bilhões em impostos. Da mesma forma, a política de insumos e subsídios às grandes empresas por parte dos governos estaduais na guerra fiscal, além da renúncia fiscal, representou um aumento na enorme dívida dos estados com a União.

Diante disso, mais uma vez, os governos querem jogar sobre os ombros dos trabalhadores os ônus da crise. Para isso, tramita no Congresso Nacional o PL 257/2016, que prevê a renegociação das dívidas dos estados sob, entre outras condições, congelamento de vencimentos e salários do funcionalismo, suspensão de concursos, além da reforma da Previdência.

Não é à toa, também, que a rejeição ao governo Dilma, aos políticos e ao Congresso batem recordes. Recente



Há menos de cem dias dos jogos olímpicos, o índice de desemprego é de 10,9% no país, o que representa 11,1 milhões de pessoas desempregadas. Em março, 60,2% do acordos salariais foram fechados com reajustes abaixo da inflação, que foi de 11,1%.

pesquisa do Ibope, divulgada no dia 25 de abril, demonstra que a maioria dos brasileiros, 62%, preferem novas eleições presidenciais, e 49% estão “nada satisfeitos” com a democracia. Só 40% veem esta forma de governo preferível a outras, sendo certo que somente uma minoria de 15% considera, em algumas circunstâncias, um governo autoritário preferível a um governo democrático.

Ora, por tudo isso, fica evidente que a crise política pela qual passa o governo Dilma e o regime democrático burgês é produto da enorme insatisfação dos trabalhadores e da juventude que, desde junho de 2013, foram às ruas e, de lá para cá, protagonizam a maior onda de greves e lutas da história, mas que não foram ouvidos pelos governos.

Ao contrário do que dizem aqueles que tentam sustentar o governo Dilma e esconder as mazelas feitas pelo PT, não houve golpe. Nem há, tampouco, uma onda conservadora em curso, pois, senão, não se expli-

cam que as mesmas pesquisas que rejeitam o governo rejeitam também a oposição burguesa como alternativa à crise. Somente 8% defendem que Temer assuma a presidência na hipótese de aprovação da abertura do processo de impeachment pelo Senado. Não é à toa que, rapidamente, Temer procura se antecipar: negocia cargos, ministérios e apresenta seu programa de governo “Uma ponte para o futuro”, que aprofunda mais ainda os ataques aos trabalhadores e à juventude.

Exatamente por isso, a tarefa central dos trabalhadores e da juventude neste momento não é escolher o mal menor.

Nem Dilma, nem Temer, nem Aécio, nem Cunha, nem Bolsonaro! Fora todos eles! É a tarefa que está colocada para fazer avançar a luta em defesa dos nossos direitos. Mas sabemos que se depender desse Congresso corrupto não sai nada. Assim, é necessário construir uma grande Greve Geral que pare o Brasil, que ponha para fora todos todos eles e exija eleições gerais já sob novas regras.

Chamamos a CUT, o MTST e outros movimentos sociais a rompem com o governo e, junto com a CSP-Conlutas e o Espaço de Unidade de Ação, venham construir um terceiro campo, um campo dos trabalhadores e da juventude, apoiado nas lutas como as ocupações de fábricas, a greve dos servidores do Rio, as ocupações de escolas do Rio e de São Paulo. As mobilizações do 1º de abril e, agora, o 1º de Maio na Avenida Paulista demonstram que é preciso e possível uma alternativa operária e socialista sem patrões e sem corruptos.

MAIO DE 2006

Dez anos do massacre de maio



FOTO: Rafael Bonifácio

Ato realizado na Sé em maio do ano passado

564 pessoas foram mortas em maio de 2006. Entre eles, 59 agentes do Estado; 505 vítimas foram assassinadas por grupos de extermínio, a maioria trabalhadores e moradores de áreas pobres.

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Sexta-feira, 12 de maio de 2006. Uma delegacia na zona leste de São Paulo foi atacada por integrantes do Primeiro Comando da Capital, o PCC. No final daquela semana, foram registrados inúmeros outros ataques contra policiais e bombeiros, muitos deles de folga, e rebeliões em presídios paulistas. Os ataques foram uma represália à transferência de 765 presos, incluindo a cúpula do PCC, para o presídio de segurança máxima em Presidente Venceslau, interior de São Paulo.

Na segunda-feira, 15, boatos se espalharam pela capital São Paulo. Supostos ataques contra estações de trens e metrô fize-

ram o impensável: paralisaram a maior cidade do país. No final da tarde, as principais vias de São Paulo, normalmente congestionadas, estavam vazias.

Nesse mesmo dia, começou a reação contra os ataques. Grupos de extermínio, formados por policiais encapuzados, realizaram um massacre nas periferias da Grande São Paulo e na Baixada Santista. A ação dos grupos de extermínio prosseguiu nos dias seguintes. No total, 564 pessoas foram mortas em maio de 2006, entre eles 59 agentes do Estado. Mas as outras 505 vítimas foram assassinadas por grupos de extermínio. A maioria das vítimas era moradores de áreas pobres. Entre eles, uma mulher grávida, garis, pizzaiolos e outros trabalhadores.

NÃO VAMOS ESQUECER

Dez anos de impunidade

Uma década se passou, e as mães e familiares das vítimas ainda denunciam a falta de investigação. Apenas o cabo Alexandre André Pereira da Silva foi condenado, em 2014, a 36 anos de prisão. No entanto, como pode recorrer em liberdade, ele continua trabalhando na mesma região onde atuava em maio de 2006.

O cabo é acusado pelo assassinato de três jovens no Jardim Brasil, zona norte de São Paulo. Segundo testemunhas, os três foram assassinados porque estavam reunidos numa esquina.

Naqueles dias, vigorava um toque de recolher imposto pelos grupos de extermínio. “Dia 15 recebi um telefonema de um policial conhecido da família dizendo para que as pessoas de

bem não saíssem na rua. Isso era umas oito horas da manhã. Às onze da noite meu filho estava morto”, contou, ao Opinião Socialista, Débora Maria da Silva, coordenadora do movimento Mães de Maio, que reúne as mães das centenas de vítimas daquele dia.

O filho de Débora, o gari Edson Rogério dos Santos, 29 anos, foi assassinado a tiros em Santos (SP). Ele tinha trabalhado o dia inteiro varrendo a rua na data em que foi executado que, coincidentemente, também era aniversário de sua mãe. “Aquele dia foi o fim do mundo. Destruíram meu direito de comemorar o meu aniversário. A última coisa que saiu da boca dele foi: ‘parabéns mãe’. O Estado destruiu minha vida”, desabafa Débora.

OUTROS MAIOS

Política de segurança ainda mata

“Que país é esse que tem a pena de morte decretada na favela? Ser pobre não é crime”, questiona Débora, uma das Mães de Maio. As mais de 500 execuções escancararam para o mundo a violência imposta por organizações criminosas e pela polícia às periferias brasileiras. Depois de maio de 2006, milhares de outros jovens negros e trabalhadores pobres foram executados. São os Amarildos, as Cláudias e os DGs entre tantos outros, vítimas de uma política de segurança pública racista e genocida que liquida, sobretudo, a juventude negra. Os responsáveis pela chacina de Osasco (SP), que tirou a vida de 18 jovens em 2015, até hoje estão impunes. Todos sabem que a chacina foi executada por grupos de extermínios formados por policiais. Assim como os crimes de maio, as investigações foram abafadas.

“Isso que aconteceu em maio [de 2006] não parou, continua até hoje com o mesmo modus operandi. É uma ferida aberta que sangra”, diz Débora. “A política de segurança pública falida continua a matar. A marcha fúnebre prossegue. Há uma cultura institucional para acabar com os negros e pobres. A segurança pública serve à propriedade privada e aos empresários”, explica Débora.

O fim da Polícia Militar é o primeiro passo para combater o genocídio da juventude negra, seguido pela criação de uma polícia única, com estrutura democrática, eleição dos superiores e direito à sindicalização e greves. Essa polícia precisa ser controlada pela comunidade, e os maus policiais devem ser punidos exemplarmente. A Justiça, que serve à dominação dos grandes empresários, também precisa ser modificada. A impunidade alimenta a ação dos grupos de extermínio. Por isso, é preciso começar prendendo os grandes criminosos, políticos, juízes e policiais corruptos.



RAFAEL BONIFÁCIO

De costas, Vera Lúcia dos Santos, 51 anos, teve seu seu genro, 24 anos, e sua filha, também com 24 anos, grávida de nove meses, mortos em maio de 2006

FIM DA INTERNET ILIMITADA

Operadoras querem limitar a internet para preservar lucros

ROMERITO PONTES,
DA REDAÇÃO

O Brasil não tem a melhor internet do mundo, é verdade. Num ranking mundial de velocidade, em 2015, ficamos em 90º, atrás de países como Equador, Colômbia e Peru. Além disso, temos uma das taxas de telefone mais caras do mundo. Se não bastasse tudo isso, nas últimas semanas, as operadoras de telefone anunciaram que limitariam a internet fixa, assim como fazem com o celular.

A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) havia dito que as operadoras tinham o direito de realizar a limitação. João Rezende, presidente da agência, chegou a afirmar que “quem passa o dia jogando gasta muito internet” e que a internet ilimitada tinha educado mal os consumidores. Ou seja, que a culpa era dos usuários. Mas a repercussão foi tanta que a Anatel teve de voltar atrás e, no dia 22 de abril, suspendeu as mudanças.

O QUE QUEREM MUDAR

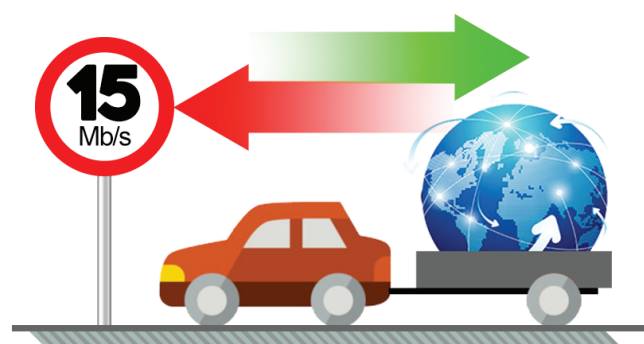
O que as operadoras estão propondo é a adoção de franquias para a internet fixa, como já acontece com os celulares. Ou seja, além de regular a velocidade de quem regular a quantidade de internet usada. Se o usuário passar deste limite, sua internet será cortada ou a velocidade será diminuída.

É como se, além do limite de velocidade de uma rua, houvesse também um limite de veículos que podem passar por ela. Dizer que a culpa é do usuário, como dizem a Anatel e as empresas, é como dizer que a culpa dos ônibus lotados é do usuário que faz muitas viagens por dia.

O QUE ESTÁ POR TRÁS DAS FRANQUIAS

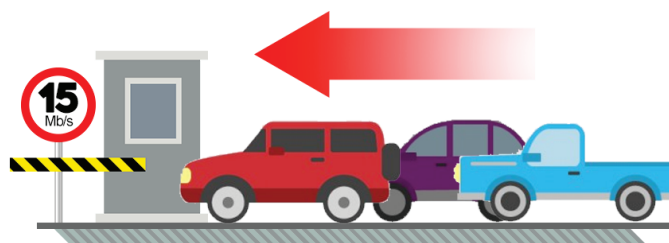
De uns tempos para cá, o consumo de internet cresceu muito no Brasil, principalmente com os serviços de filmes online, como o Netflix. Usamos internet em casa, no trabalho, no celular, na televisão e por aí vai.

COMO FUNCIONA A INTERNET HOJE



A única limitação que existe hoje é a da **velocidade**.
Você pode trafegar normalmente dentro desse limite.

COMO FUNCIONARÁ A INTERNET COM FRANQUIA



Com o crescimento do consumo de internet, a rede começou a ficar engarrafada. Para resolver o problema, as operadoras além do **limite de velocidade**, resolveram colocar também um **limite de tráfego**. Para usar mais do que isso, o usuário terá que **pagar**.

Mas a internet não é algo virtual apenas. Pelo contrário, é algo bem concreto. Para que chegue internet na sua casa ou no seu celular, é preciso uma série de antenas, cabos, servidores, centrais de distribuição e outras coisas. É o que chamamos de infraestrutura de telecomunicações.

Acontece que com as privatizações dos anos 1990 (ver matéria ao lado), o investimen-

to em infraestrutura deixou de ser obrigação do Estado e passou a ser das empresas privadas. O que aconteceu foi que elas investiram o mínimo possível e, hoje, ao invés de resolverem o problema, querem limitar o serviço para a população. É a lógica do lucro e do capital falando mais alto do que o direito à comunicação e ao desenvolvimento tecnológico.

AMEAÇA

CPI ameaça direitos básicos



O relator Esperidião Amin (PP) e Mariana Carvalho (PSDB), presidente da CPI

Criada em 2015, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Crimes Cibernéticos já está votando seu relatório final. A comissão foi formada após a Polícia Federal investigar alguns casos de desvio de dinheiro pela internet e tráfico de pessoas.

O papel da comissão deveria ser sugerir medidas para combater o crime na internet, mas suas propostas vão além disso. Entre as medidas propostas pela comissão, estão projetos de lei que incluem investigação sem mandado judicial, a obrigação de os servidores controlarem conteúdo no-

tificado como nocivo à honra, responsabilização dos servidores obrigando-os a remover conteúdo em até 48 horas e a permissão para que juízes bloqueiem aplicativos e serviços em nível de estrutura, como recentemente aconteceu com o WhatsApp.

Ou seja, pouco mais de um ano após a aprovação do Marco Civil da Internet, a CPI propõe uma revisão em seus pontos básicos, como o da neutralidade da rede e o não monitoramento de dados. Na prática, se essas medidas forem aprovadas, qualquer pessoa poderá ser espionada facilmente.

PRIVATIZAÇÕES

A lógica do lucro não é a lógica do desenvolvimento

Há quem defenda que o livre mercado é a melhor maneira de garantir um bom serviço. Mas isso não é bem assim. A telefonia, por exemplo, foi privatizada, e todo mundo sabe que o serviço de celular é muito ruim. Isso não é por que as empresas sejam incompetentes. Isso acontece porque o que vale é o lucro, e não a prestação do serviço.

É essa lógica do lucro que faz com que não se desenvol-

vam determinadas vacinas ou remédios contra doenças como o câncer. Que não se priorize meios de transporte movidos a combustíveis alternativos, ou que se prefira investir em tecnologia militar do que na produção de alimento. A lógica do lucro e do capital não é a lógica do desenvolvimento. Sob o capitalismo, não tem por que ser diferente com a internet.



LEIA O ARTIGO COMPLETO

O que está acontecendo com a internet no Brasil?

WWW.PSTU.ORG.BR/NODE/22040

SUPOSTO GOLPE

A falência da esquerda

Em campanha contra o suposto golpe, maioria da esquerda embarca na armadilha de uma frente eleitoral com o PT nas eleições de 2016 e 2018

BERNARDO CERDEIRA,
DE SÃO PAULO

A crise e a queda do governo Dilma acirraram os ânimos não só entre os que estão a favor ou contra o impeachment. Há uma enorme pressão, nacional e internacional, para unir numa frente todos os que estão contra o “golpe”, em “defesa da democracia”, do “Estado de Direito”. Na América Latina, essa frente vai desde o castro-chavismo, agrupado na Aliança Bolivariana para os Povos da América (ALBA), o kirchnerismo (ligado ao casal Kirchner da Argentina), o PSOL, até a maioria de partidos que se reivindicam trotskistas, como os argentinos PTS e PO.

Os que, como o PSTU, se opõem aos dois setores, tanto

ao governo quanto à oposição de direita, são acusados de golpistas, de fazer o jogo da direita, de dividir a esquerda quando é preciso uni-la etc. Isso quando esses acusadores não partem para insultos e todo o tipo de agressão verbal, o que é o mais comum.

Não vamos responder aos insultos, que são o único recurso das pessoas que não têm argumentos. Mas pensamos que esta polêmica é muito importante porque define os rumos da classe trabalhadora e dos setores explorados no Brasil e na América Latina nos próximos anos.

Nós já demonstramos em artigos anteriores (ver na página ao lado) que não há nenhum golpe em andamento. Há uma disputa entre dois setores burgueses com métodos de corrup-

ção e mentiras. Aliás, o próprio PT já pensa em propor novas eleições presidenciais, deixando cair a máscara que encobre a farsa do golpe.

No entanto, quando dizemos que esse governo ataca os trabalhadores, que sofre o repúdio de 70% da população e deve cair como quer a maioria, somos acusados de golpistas e de fazer o jogo da direita. É escandalosa essa acusação vinda de quem vem. O PT governou durante mais de 13 anos junto com a direita: Temer, Cunha, Renan, Sarney, Kassab, Maluf e tantos outros. Até o último minuto, seu governo foi defendido no Congresso por gente como Kátia Abreu, a rainha do agrogênio e inimiga dos sem-terra. E, afinal, quem levou Michel Temer à vice-presidência?



Dilma Rousseff durante o ato do 1º de Maio no Vale do Anhangabaú, em São Paulo (SP)

ARMADILHA

Frente contra o “golpe” é enganação para apoiar o governo



A frente contra o tal golpe e em defesa da democracia foi a maneira que o PT encontrou para tentar defender o governo Dilma. Esta tarefa é muito difícil, até entre os simpatizantes do PT, porque a maioria absoluta do povo já chegou à conclusão de que o governo o traiu, se corrompeu e ataca seus direitos.

Diante disso, a alternativa encontrada pela direção do PT foi tentar manipular a justa indignação de amplos setores com a agressividade reacionária da direita. É muito mais fácil mobilizar milhares de pessoas, inclusive as que têm duras críticas ao

governo, chamando-as a defender a democracia, do que tentar a tarefa impossível de convocá-las para apoiar o governo. Daí a campanha contra um golpe inexistente.

Não bastando isso, o PT, o PCdoB e outros setores tentam criar uma polarização do tipo “quem não está conosco, está com a direita, é golpista”. Com isso, conseguiram agrupar partidos e organizações como PSOL e MTST, que eram críticos ao governo, mas hoje estão nas fileiras dos que tentam sustentar o governo Dilma, o que por sinal é, hoje, uma tarefa falida.

POR TRÁS DAS APARÊNCIAS

Objetivo do PT é reconstruir a frente com a burguesia

Desde que o apoio ao governo chegou a níveis mínimos, o que levou Lula a dizer que o governo Dilma e ele próprio estavam no “volume morto”, o ex-presidente e a direção do PT procuraram uma maneira de recuperar sua base social.

A saída encontrada por eles parte do reconhecimento de que existe um enorme desgaste do PT e que, portanto, esse não tem mais a hegemonia entre a esquerda e o que eles chamam de forças progressistas. Diante desse fato, Lula e a direção do PT propuseram a criação de uma frente, baseada no modelo da Frente Ampla do Uruguai, que agrupasse os partidos de esquerda e movimentos sociais. A ideia era que essa frente não só voltasse a mobilizar e recuperasse o prestígio perdido pelo PT, mas também se apresentasse nas eleições. Nasceu, assim, a Frente Brasil Popular, que agrupa o PT, PCdoB, MST, CUT, UNE e ou-

tras organizações.

O setor de esquerda que levantava críticas ao governo, encabeçado pelo MTST e

O objetivo maior do PT e de sua proposta de Frente Ampla é reconstruir, para 2018, o velho projeto de uma aliança com setores da burguesia para voltar a governar o país. É a repetição de um filme que terminará como terminou o governo Dilma.

pelo PSOL, criou a Frente Povo Sem Medo. No entanto, as duas frentes estão unidas na luta contra o suposto golpe, participam dos mesmos atos, organizam iniciativas em comum e, principalmente, lutam para

manter o governo Dilma. Ou seja, apesar das diferenças, na questão fundamental, que é o apoio ao governo, estão juntas.

Esta “frente de frentes” já começa a mostrar seu objetivo imediato: a participação nas eleições de 2016 e 2018. O PT já discute apoiar uma candidatura única para prefeitura do Rio de Janeiro, propondo unir Marcelo Freixo (PSOL) e Jandira Feghali (PCdoB) numa mesma chapa. Segundo a imprensa, há negociações em curso. Freixo diz, porém, que é preciso haver muito debate entre as partes (O Dia 20/4/2006).

Na verdade, o objetivo maior de toda a articulação dessa Frente Ampla é reconstruir para 2018 o velho projeto de uma aliança com setores da burguesia para voltar a governar o país. É a repetição de um filme que terminará como terminou o governo Dilma: mergulhado em corrupção e ataques à classe trabalhadora.

governista

CRISE DE DIREÇÃO

Unidade com quem e para quê?

Muitos companheiros honestos veem nesta unidade algo positivo. Criticam a esquerda por suas divisões e pensam que isso só favorece a direita, que sempre se une nas questões fundamentais. Entendemos essa preocupação, mas primeiro é preciso entender onde está o motivo central das divisões da esquerda.

A direita, se entendemos como tal a burguesia, a classe dos grandes capitalistas, se une em torno à defesa das suas propriedades, dos seus privilégios de classe exploradora e do poder político e militar do Estado que ela controla e que garante o seu direito de explorar.

ORIGENS DO REFORMISMO

Mas o crescimento das ideias socialistas, desde a segunda metade do século 19, levou a burguesia, principalmente a dos países imperialistas, a adotar uma nova forma de enfraquecer as fileiras da esquerda que, até aquele momento, defendia, de forma unânime, a luta para acabar com o capitalismo e construir uma sociedade socialista. Essa forma foi ganhar um setor da esquerda para defender o capitalismo, o livre mercado e a democracia burguesa, lutando apenas por algumas reformas nesse sistema e deixando a luta pelo socialismo para um futuro muito distante.

A conquista destas direções da esquerda não se deu por meio da adesão às ideias. Ao contrário, foi conseguida oferecendo privilégios, cargos e corrupção a representantes da esquerda. E, mais tarde, concedendo partes limitadas do aparelho do Estado e até governos, desde que em aliança com partidos e setores burgueses para que não fugissem do controle dos capitalistas.

Portanto, a divisão da esquerda tem raízes materiais e políticas. São partidos e organizações que defendem fazer alianças com partidos burgueses (ou seja, da direita) para governar e manter



Para se eleger, o PT fez acordo com diferentes setores burgueses: em 1989, com Mário Covas (PSDB) e Brizola (PDT). Em 2010, com Sarney e Michel Temer (PMDB). Em 2012, com Maluf (PP) para a eleição de Fernando Haddad (PT).

privilégios se corrompendo. Por isso defendem o capitalismo, porque esse é um sistema que usa a corrupção para se manter. Foi assim que o PT se degenerou.

LUTAR PELOS TRABALHADORES

Desse ponto de vista, a unidade possível e desejável entre a esquerda é a que pode se dar na luta concreta entre todos os que estão dispostos a defender os trabalhadores dos ataques da burguesia, como o desemprego, os planos de ajuste e a retirada de direitos e conquistas. Justamente

por isso, não pode haver unidade para defender um governo que ataca os trabalhadores como o governo Dilma.

Ou seja, do ponto de vista dos objetivos políticos, existem, em linhas gerais, dois projetos opostos entre a esquerda. O que predomina até agora é o da aliança com a burguesia e a defesa do capitalismo com algumas reformas. Esse foi o projeto do PT, do PCdoB e de outros partidos e que está em crise, pois os trabalhadores, em sua maioria, já não se deixam enganar por ele.

NOSSO CAMINHO

Uma alternativa da classe operária e de todos os explorados



Outro projeto, que é o que o PSTU defende, é o da luta dos trabalhadores e dos setores explorados contra a exploração, o da independência da classe trabalhadora diante da burguesia e dos seus partidos. O da luta para que os trabalhadores conquistem o poder político e implantem um governo socialista dos trabalhadores baseado em Conselhos Populares.

Esse projeto é, hoje, muito minoritário, mas cresce. Os trabalhadores e os setores populares estão diante

de um fato imenso: o tremendo fracasso do projeto de aliança entre o PT e os partidos burgueses para governar o país. É esse fato, e não o suposto crescimento da direita como dizem os dirigentes do PT, que angustia milhões de trabalhadores e honestos lutadores de esquerda. E é esse fato que não se pode esconder, apesar de todas as manobras da direção do PT e da farsa da campanha contra um golpe.

Esse fracasso só agravou, enormemente, os sofrimentos da classe trabalhadora.



LEIA TAMBÉM

A crise do governo Dilma e a farsa do golpe

WWW.PSTU.ORG.BR/NODE/22004



LEIA TAMBÉM

Não teve golpe

WWW.PSTU.ORG.BR/NODE/22049

TEMOS ESCOLHA

“Fora todos” marca ato nacional

Ao invés do pato amarelo da Fiesp ou das bandeiras do PT, um enorme bandeirão exigindo “Greve Geral pra botar pra fora todos eles!”. Não havia dúvidas. A manifestação que tomava a Avenida Paulista na manhã de 1º de maio era bem diferente dos protestos apoiados pelos patrões, com o apoio da Fiesp, ou os organizados pela direção da CUT e o PT. O ato nacional do 1º de Maio foi convocado pela CSP-Conlutas e pelas 37 entidades reunidas no Espaço de Unidade de Ação.



DA REDAÇÃO

A manifestação demonstrou que os trabalhadores não precisam escolher entre a defesa do governo Dilma e do PT ou o ato-show organizado pela Força Sindical com a presença do PSDB e demais partidos da oposição burguesa. De um lado da cidade, dois atos financiados pelas empresas. No Vale do Anhangabaú, em São Paulo, o “fica Dilma”. No Campo de Bagatelle, o “entra Temer”. Na Paulista, cerca de 4 mil pessoas, segundo a organização, participaram do protesto que, sem financiamento privado e sem partidos burgueses, falou bem alto: Fora Dilma, Temer, Cunha e esse Congresso.

Vindos de norte a sul do país, operários metalúrgicos, da construção civil, petroleiros, bancários, professores, juventude, ativistas do movimento popular e trabalhadores rurais se deslocaram de 15 estados, além de São Paulo, para participar da manifestação. A indignação dos que estavam ali ganhou voz nos discursos feitos pelas entidades, e

no animado samba cujo refrão foi cantado por todos: “você pagou com traição a quem sempre lhe deu a mão”.

Esse foi o recado a Dilma e ao PT dos estudantes secundaristas que ocupam escolas no Rio de Janeiro, dos servidores em greve do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e do Piauí, metalúrgicos de São José dos Campos, que organizam a campanha pelo “Fora Todos Eles”, dos metalúrgicos mineiros, dos trabalhadores do Paraná na luta pelo “Fora Beto Richa”, dos operários da construção civil do Ceará, dos desempregados do Complexo Petrolífero do Rio de Janeiro (Comperj), das mulheres em luta, dos negros e negras, dos LGBTs e de trabalhadores e pessoas que passaram pelo local e aderiram espontaneamente à manifestação.

“Aqui na Avenida Paulista estão aqueles e aquelas que vieram dizer em alto e bom som que a classe operária brasileira não quer Dilma, mas também não quer Temer”, discursou Zé Maria em nome do PSTU. E completou: “Vimos na votação do impeachment que daquela corja não vai



Bandeirão exigindo eleições gerais foi estendido na Avenida Paulista

sair nada que atenda aos interesses dos trabalhadores”. Por isso, defendeu uma greve geral para botar para fora todo mundo. Ao final, o presidente do PSTU chamou as direções das organizações de esquerda, como a direção do PSOL e do MTST, a romperem com o governo e construir um campo dos trabalhadores.

No mesmo sentido, Sâmia Bomfim, do Movimento de Esquerda Socialista (MES), cobrou da direção de seu partido, o PSOL: “É inadmissível que companheiros estejam agora com Dilma e com Lula, sendo que foram governos que retiraram e atacam nossos direitos”. Babá, vereador do Rio de Janeiro, da Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST), também não poupou críticas à presença da direção majoritária do partido no ato do governo: “É uma vergonha para o PSOL que estejam lá junto com Dilma, junto com Lula, traidor da classe trabalhadora brasileira”.

Também estiveram presentes os vereadores do PSTU Cleber Rabelo, de Belém, e Amanda Gurgel, de Natal.

QUEM ACREDITA?

No ato de defesa do governo, Dilma fez mais promessas vazias

No ato realizado por CUT, CTB, Intersindical e pelas frentes Povo Sem Medo e Brasil Popular, entre outros setores, no Vale do Anhangabaú, a presidente repetiu aquilo que fez durante a campanha eleitoral: mais promessas vazias. O alvo foi justamente os setores mais prejudicados pela crise e por sua política econômica de privilégios aos bancos e empresas: os mais pobres. Perto de deixar o governo, Dilma anunciou o reajuste do Bolsa Família em 9% e a correção da tabela do Imposto de Renda em 5%.



Assim como a denúncia de um suposto golpe, essa foi mais

uma encenação para enganar os trabalhadores e tentar resgatar

parte do apoio que viu ir embora ante todos os ataques implementados nesse último período. Isso não representa qualquer tipo de giro à esquerda desse governo. São pequenas migalhas em meio a um cenário em que mais de 11 milhões de trabalhadores estão sem empregos, servidores públicos sem salário, como no Rio de Janeiro, e os serviços públicos, de forma geral, à míngua.

No anúncio do “pacote de bondades” que fez no Anhangabaú, Dilma não falou da privatização de quatro aeroportos cujo

processo acelerou para cumprir antes de ser afastada pelo Senado. Estão previstas as concessões dos aeroportos de Florianópolis, Porto Alegre, Fortaleza e Salvador.

Lamentavelmente, o ato pelo “fica Dilma” contou com a participação do MTST, da Intersindical e de setores majoritários do PSOL, além de correntes como o MRT, que engrossaram as fileiras do governo e do PT num momento em que os trabalhadores e a classe operária rompem com ele.

do 1º de Maio na Avenida Paulista

O QUE FOI DITO



“Este ato representa uma alternativa dos trabalhadores. Para aqueles que não se sentem representados pelo governo Dilma, mas que também não se sentem representados pelos partidos de direita que querem tomar, pela via do impeachment, o governo. Estamos aqui para mostrar a necessidade de uma greve geral para botar pra fora todos eles.”

AMANDA GURGEL, vereadora do PSTU em Natal (RN)

ATO DOS SEM VERGONHA

Ato da Força Sindical tem corruptos e falta de vergonha na cara

Se o ato da CUT foi marcado pela hipocrisia do governo Dilma, o ato-show organizado pela Força Sindical não ficou atrás. Comandado por Paulinho Pereira (Solidariedade), denunciado no STF pela Lava Jato, o evento só não contou com Eduardo Cunha porque ele seria massacrado pela massa. Porém contou com políticos do PSDB, do DEM e do PMDB, como a senador Marta Suplicy que, entre um sorteio de um carro e um show de música, recebeu uma saraivada de vaias quando tentou falar.

Poucos dias após ter se reunido com Temer, cujo plano de governo inclui reformas da Previdência, trabalhista e toda a sorte de ataques (leia mais na página 10), Paulinho teve a cara de pau de defender a entrada de Temer e dizer que não deixaria o novo



governo “mexer no direito do trabalhador”.

A melhor cena que expressa esse ato foi a tentativa de Paulinho de cantar a música que ele cantou na esdrúxula ses-

são da Câmara que aprovou o impeachment de Dilma. O picareta tentou animar o público com a sua musiquinha, mas ficou todo mundo só olhando e deixaram Paulinho no vácuo.

O QUE FOI DITO



“Estou impressionado com este ato. É um ato bem negro. A gente tem que juntar os operários, a classe trabalhadora, porque nós temos todas as condições de mudar este país”

HERTZ DIAS, do Maranhão e da Secretaria Nacional de Negras e Negros do PSTU

Opinião

Zé Maria, presidente nacional do PSTU



Não há solução com essa corja

Greve Geral para botar todos pra fora e exigir eleições gerais

Não há solução para os problemas da vida dos trabalhadores neste país com o governo Dilma ou com Temer, Cunha e a corja do Congresso Nacional. Por isso, o impeachment não resolve. É trocar seis por meia dúzia. Fica tudo a mesma coisa.

O PSTU vem dizendo que é necessária uma greve geral que pare o país. Mas não para garantir a manutenção deste governo que só ataca os direitos e os interesses dos trabalhadores. Precisamos, sim, tomar as ruas e parar o país para botar pra fora todo mundo: Dilma, Temer, Cunha, Aécio Neves e esse Congresso Nacional. Sem isso, não abrimos caminho para resolver os problemas que afligem a vida dos trabalhadores.

O ato nacional do 1º de Maio convocado pelo Espaço de Unidade de Ação foi muito importante, pois marcou uma terceira via dos trabalhadores, alternativa aos atos do “fica Dilma” e do “entra Temer”. Infelizmente, setores como o MTST e a direção do PSOL preferiram estar ao lado de Dilma e do PT ao invés de estarem conosco na construção dessa alternativa de classe. É preciso que esses setores rompam com o governismo e se somem à mobilização para botar todos pra fora.

É preciso exigir, ainda, das direções da CUT, da CTB e das demais centrais que rompam com o governo e convoquem uma greve geral pra tirar to-



dos. Exigir que a direção da Força Sindical rompa com Temer, PSDB, Eduardo Cunha e se somem à convocação dessa greve geral.

Sabemos, contudo, que só resolveremos os problemas da nossa classe com um governo socialista dos trabalhadores, apoiado na organização e na luta da nossa classe. Enquanto isso, o mínimo que temos de exigir são eleições gerais, não só para presidente, mas pra deputados, senadores e governadores, garantindo um direito democrático dos trabalhadores de poder escolher quem assumirá o governo. Eleições com outras regras, sem financiamento privado, sem corruptos, com tempo igual de televisão e mandatos revogáveis.

CRISE POLÍTICA

Eleições gerais não rimam com “fica Dilma” nem com “entra Temer”

Crise se aprofunda, e cresce a ideia de que todos os políticos são iguais



DA REDAÇÃO

Com a proximidade da votação do impeachment no Senado, aprofundando-se a crise política. O governo Dilma está perto do fim. Temer tem dificuldade de começar. Uma maioria simples que afastará a presidente por 180 dias está praticamente garantida e, uma vez afastada, ninguém acredita que possa voltar. Já a crise, tanto econômica e social quanto política, está ainda muito longe de terminar.

QUEM CONFIA EM TEMER?

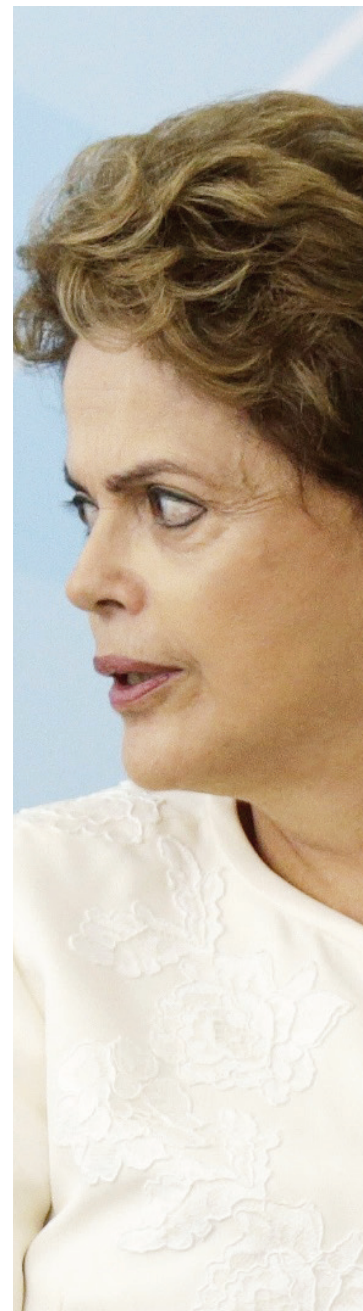
Cresce cada vez mais na população a ideia de que os políticos são todos iguais. Não é por menos que uma pesquisa realizada pelo Ibope, entre 14 e 18 de abril, mostra que 62% da população são a favor de que Dilma e Temer saiam do governo e que sejam convocadas novas eleições. Os trabalhadores e a grande maioria da população rechaçam Dilma, mas também não querem ver Temer em seu lugar.

Isso se explica pelo avanço da crise econômica e seus efeitos na vida concreta de milhões de trabalhadores. O de-

semprego bate recorde, chegando a quase 11% e deixando uma massa de mais de 11 milhões de trabalhadores no olho da rua. Nos estados, a crise se traduz num verdadeiro colapso dos serviços públicos.

Se aqui embaixo os trabalhadores vêm sentindo na pele os efeitos da crise, lá em cima não se vislumbra alguma saída para a disputa entre os dois blocos burgueses. Temer faz a sua parte e anuncia a retomada de medidas que Dilma vinha tentando fazer, mas não conseguia, como o controle dos gastos públicos e a reforma da Previdência. Tenta, assim, parecer confiável ao conjunto da burguesia e ao imperialismo.

Não existe dúvida de que, uma vez no Planalto, Temer servirá como um dócil capacho aos interesses de grandes bancos, empresas e ruralistas. A pergunta que fica é: ele vai conseguir isso? Paira sobre seu governo uma tremenda insegurança. Como um homem que não consegue andar na rua sem ser xingado vai estar à frente do governo num contexto de crise econômica e social para impor ataques da magnitude dos que ele está prometendo aos seus patrões?



VONTADE DA MAIORIA

Trabalhadores querem fora todos

O que os trabalhadores e a grande maioria da população querem, na verdade, não é nem Dilma, nem Temer, nem novas eleições para continuar tudo como está. Querem botar todo esse pessoal para fora e que seja resolvido no país o problema do desemprego, dos baixos salários, do caos dos serviços públicos e todos os problemas que afligem a vida da classe trabalhadora.

Nem Dilma e PT, nem Temer se propõem a isso. Isso exigiria, no mínimo, uma greve geral para tirar todos eles e mudar essa política econômica. Não uma greve geral como a que está falando a CUT, para manter Dilma aí. Isso até eles sabem que não é capaz de mobilizar. Mas uma greve geral para exigir “fora todos” e botar abaixo junto a política pró-banqueiros de Dilma e de Temer. Algo que nem a CUT, nem o PT estão empenhados em realizar.

SÓ DISCURSO

A cortina de fumaça do PT

Enquanto Temer convive com uma enorme impopularidade antes mesmo de assumir, Dilma e PT continuam afundados em descrédito. É por isso que vem ganhando força a ideia de novas eleições presidenciais defendida por setores da direção do PT e da Frente Brasil Popular, como o PCdoB.

A ideia, cujo objetivo não declarado é salvar o governo, é incoerente. Como se pode

falar em eleição presidencial e, ao mesmo tempo, em “fica Dilma”? A iniciativa na verdade é só uma manobra. O PT e Dilma não vão antecipar as eleições. O que eles procuram é pôr em marcha um plano, desde já, visando a campanha eleitoral de Lula 2018. É assim: com esse discurso eles tentam resgatar parte do desgaste sofrido no último período e, uma vez reabilitado, poder vender

novamente à burguesia a confiança que hoje lhes falta. Dessa forma, voltar ao poder para continuar aplicando o ajuste fiscal e a política econômica dos banqueiros e empresários que aplicaram nos últimos 13 anos.

Por outro lado, pode ser que a crise se aprofunde a tal ponto que a burguesia se veja obrigada a antecipar as eleições presidenciais.

O QUE PROPOMOS

Um governo socialista dos trabalhadores

A única forma de derrotar esses ataques e resolver os problemas dos trabalhadores é com um governo da própria classe trabalhadora, apoiado não nesse Congresso Nacional de picaretas financiado por empreiteiras, mas em conselhos populares construídos na luta. Como ainda não te-

mos esses conselhos, devemos exigir eleições gerais para todos, de deputados a senadores, não só para presidente. Eleições com outras regras, sem dinheiro das empreiteiras, com tempo igual de televisão, mandatos revogáveis e salários iguais ao de um metalúrgico ou de um professor.

CHINA

Governo planeja demitir dois milhões de operários

MARCOS MARGARIDO,
DE CAMPINAS (SP)

O primeiro ministro da China, Li Keqiang, anunciou ao Congresso Nacional a intenção do governo de reduzir muito a produção de aço e carvão das empresas estatais. Os pátios estão abarrotados, e os pedidos diminuem. O Ministério do Trabalho pretende resolver o problema da mesma forma que aqui: demitindo 1,8 milhão de trabalhadores naqueles setores, sem falar dos empregos indiretos que serão perdidos.

Da forma mais cínica possível, Li Keqiang disse que o governo precisa evitar o desemprego em massa e que pode tomar medidas para facilitar a abertura de empresas pelos demitidos e, assim, criar oportunidades de investimento e empregos. Isto é, os trabalhadores que se virem e arranjam uma forma de sobreviver por conta própria.

A China sofre uma forte crise econômica. O crescimento da economia está caindo ano após ano e, mesmo que ainda seja um crescimento alto, de 6,9%, já está causando muitos problemas. A superprodução de aço e carvão é apenas um deles. Também existem casas e cimento em excesso, além de outros produtos. Existem várias cidades fantasma sem moradores, e a produção de aço sem consumo na China é maior que toda a produção do Japão, que é o segundo produtor mundial.

Isso tudo foi alimentado pelas multinacionais, principalmente dos Estados Unidos, que instalaram fábricas lá para lucrar com os baixos salários dos trabalhadores chineses. Porém, com a crise econômica mundial chegando na China, descarregam tudo nas costas dos trabalhadores. O governo chinês é o primeiro a dar o exemplo, demitindo milhões, depois de seguir, por anos a fio, as receitas do FMI.

GREVES AUMENTAM NA CHINA EM 2016



Foto: Mineiros de Longmay, mineradora estatal de carvão, contra o não pagamento de salários atrasados e a demissão de 100 mil trabalhadores

“RECUSAMOS A SER ESCRAVOS”

Os operários resistem

Mas os operários não se deixam enganar. Na Longmay, uma mineradora estatal de carvão, protestaram contra o não pagamento de salários atrasados há meses. Em setembro, a empresa anunciou que pretendia demitir 100 mil trabalhadores, cerca de 40% de sua força de trabalho.

Os metalúrgicos também reagem contra os planos de demissão em massa. Centenas de operários da siderúrgica Angang Lianzhong entraram em greve contra um plano de reduzir os salários em até 50%. Cantando o hino nacional do país, que diz “revoltem-se, nós nos recusamos a ser escravos”, conseguiram fazer a fábrica adiar seus planos de corte salarial.

Ministro diz que Lei de Contrato de Trabalho é “superprotetora dos trabalhadores” e que “mesmo que um empregado faça corpo mole, a lei dificulta que o patrão lide com isso, por exemplo, demitindo-o”.

A RESISTÊNCIA É NACIONAL

Greves e protestos ocorrem por todo o país contra os ataques dos patrões e do governo devido à instalação de muitas indústrias no interior, onde os salários são menores.

As lutas aumentam ano após ano. Em 2015, o número

de greves dobrou em relação a 2014, e o ano de 2016 promete ser ainda mais agitado. A classe operária luta principalmente pelo pagamento de salários atrasados, um dos maiores golpes dados pelos patrões chineses, que muitas vezes fogem do país e deixam os trabalhadores de mãos abanando.

O pior é que o governo não acusa os patrões por esse roubo. Num país onde os salários são muito baixos e a legislação trabalhista quase não oferece proteção, o ministro das Finanças, Lou Jiwei, teve a coragem de dizer que a Lei de Contrato de Trabalho é desequilibrada, “superprotetora dos trabalhadores” e que “mesmo que um empregado faça corpo mole, a lei dificulta que o patrão lide com isso, por exemplo, demitindo-o”. É muita cara de pau!

OPINIÃO

Qual é o caminho para a China?

As multinacionais e o imperialismo norte-americano deixaram de confiar no governo chinês, pois ele não consegue mais manter o crescimento da economia com mão de ferro para favorecer os lucros dos patrões. Depois de defender a ditadura chinesa por anos a fio, agora denunciam os ataques aos trabalhadores e a falta de liberdade existente no país.

Os trabalhadores devem lutar contra as péssimas condições de trabalho e por seus direitos democráticos, sem cair neste canto de seireia dos maiores responsáveis pela sua exploração, que são as multinacionais.

O PSTU e a Liga Internacional dos Trabalhadores estão do lado dos trabalhadores e denunciamos a cada minuto os ataques do governo chinês e do imperialismo. Ao mesmo tempo, vamos lutar com todos os que estiverem dispostos a conquistar mais democracia.

A derrubada da ditadura significa um enorme avanço das lutas operárias na China. Esta vitória vai possibilitar a conquista de direitos democráticos para todos e a classe operária terá a oportunidade de construir seus sindicatos e partidos independentes, inclusive o partido revolucionário para dirigir uma segunda revolução socialista e expulsar novamente os capitalistas e as multinacionais, como ocorreu em 1949.

LENIN TINHA RAZÃO

Cem anos do livro “Imperialismo,

HENRIQUE CANARY
DA SECRETARIA
NACIONAL DE FORMAÇÃO

Há certos livros que marcam época. Este é, sem dúvida, o caso de *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, de Vladimir Ilitch Lenin. Esta pequena brochura, escrita em Zurique, Suíça, entre janeiro e junho de 1916, mudou para sempre a forma como o marxismo via o desenvolvimento capitalista e suas perspectivas.

Lenin não foi o primeiro a escrever sobre o imperialismo. Antes dele, muitos autores abordaram o assunto e fizeram distintas contribuições. Nesse sentido, o trabalho de Lenin foi seríssimo. Para escrever um livro de cerca de 150 páginas, o líder do partido bolchevique leu e resumiu com suas próprias palavras nada menos do que 148 livros (106 em alemão, 23 em francês, 17 em inglês e dois em russo) e 232 artigos científicos (206 em alemão, 13 em francês e 13 em inglês). Mas Lenin não fez um mero resumo das teorias e pontos de vista de outros autores. Ao contrário, *Imperialismo, fase superior do capitalismo*



abre um novo capítulo na história do marxismo justamente pela originalidade das ideias nele desenvolvidas.

O IMPERIALISMO COMO FASE HISTÓRICA

A ideia básica e original formulada por Lenin nestas páginas consiste na visão do imperialismo não apenas como uma política da burguesia, não apenas como uma atitude agressiva, colonial ou militarista de

certos estados, mas como uma nova fase de desenvolvimento capitalista. No livro, Lenin critica duramente as visões românticas então predominantes no marxismo, que tendiam a ver o imperialismo como uma espécie de excesso de certas burguesias nacionais, como algo que se poderia evitar ou modificar por meio de medidas restritivas ou limitações legais. Segundo Lenin, esta visão levava ao reformismo, à ideia de que

o apetite colonialista de certas burguesias poderia ser moderado com uma política de Estado correta, com um governo justo.

Ao contrário, segundo Lenin, as guerras coloniais, o domínio do capital financeiro sobre o conjunto da economia e a exploração desenfreada de enormes territórios do mundo eram as características inerentes desta nova fase de desenvolvimento capitalista. Não era possível evitá-las, não se po-

deria controlá-las. Apenas se podia destruí-las destruindo o próprio sistema.

Para Lenin, a fase imperialista de desenvolvimento capitalista não era apenas mais uma fase, mas sim a última fase de desenvolvimento do sistema. Isso era assim porque o imperialismo elevou à máxima potência o caráter social da produção, por meio dos grandes monopólios, do comércio e da logística mundial, do planejamento científico da produção fabril, do aproveitamento ao máximo das especificidades de cada país e região do mundo. Ao mesmo tempo que tornava a produção ainda mais social, o imperialismo tornava a apropriação da riqueza produzida ainda mais privada ao concentrar nas mãos de meia dúzia de capitalistas monopolistas uma quantidade nunca antes imaginada de riqueza social.

Por isso, para Lenin, a época imperialista colocava diante da humanidade a possibilidade de começar imediatamente a construção do socialismo no planeta inteiro, graças ao enorme desenvolvimento das forças produtivas mundiais.

IMPERIALISMO

Uma época de guerras e revoluções



Cartaz mostra Lenin varrendo reis e burgueses do mundo. Na frase: “Camarada Lenin limpa a terra do mal”

Mas, ao contrário dos entusiastas do imperialismo que só viam seus pontos positivos, Lenin apontava que a nova fase na qual ingressava a humanidade era, essencialmente, uma fase destrutiva, que seria marcada por guerras, revoluções e enormes convulsões políticas e sociais. O mesmo desenvolvimento da economia e da produção que permitia o início da construção socialista mundial também havia exacerbado ao máximo as contradições entre trabalho e capital, entre países coloniais e metrópoles, entre a cidade e o campo.

O imperialismo, segundo Lenin, não se transformaria em socialismo pelo desenvolvimento natural da economia e da sociedade. Seriam as guerras e as revoluções que se aproximavam que dariam origem a um novo mundo. O proletariado, tornado pela primeira vez uma classe realmente internacional, deveria se utilizar das contradições dessa nova época para instaurar o seu domínio e destruir o capitalismo.

Como sabemos hoje, o prognóstico de Lenin não falhou. Nem em escala histórica, nem em relação ao período em que foi feito. Um ano depois de escrever *Imperialismo* e lançar esta profecia, o exilado russo, perseguido e conde-

nado, se tornaria o dirigente incontestável da maior e mais importante revolução socialista da história, a Revolução Russa. E mesmo que essa revolução tenha sido derrotada e esmagada alguns anos depois pelo stalinismo, a época histórica que ela abriu (e que coincidiu com o início da fase imperialista de desenvolvimento do mundo) apresentou exatamente as características descritas por Lenin: uma sucessão quase ininterrupta de guerras e revoluções, de longos períodos de instabilidade e incerteza, salpicados com alguns poucos anos de crescimento e prosperidade. Mesmo assim, essa prosperidade e esse crescimento sempre esti-

veram restritos a um pequeno número de países.

Em essência, o diagnóstico de Lenin se cumpriu com exatidão: a humanidade não superou a fase imperialista de seu desenvolvimento. Por isso, as condições objetivas para a eclosão e o triunfo da revolução socialista mundial estão dadas. Como dizia Leon Trotski, o outro grande dirigente da Revolução Russa: “As condições objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. Sem uma vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe”.

fase superior do capitalismo”

CRISE DE DIREÇÃO

Um fôlego inesperado

Se é verdade que todas as características e prognósticos gerais formulados por Lenin sobre o imperialismo se confirmaram, também é verdade que um desses prognósticos (e um bastante importante!) não se cumpriu: Lenin previa que o imperialismo teria um fôlego curto. A contagem regressiva da destruição do sistema foi ajustada para a escala de alguns anos. Não de décadas, muito menos de um século como acabou acontecendo.

O que explicaria um erro tão grosseiro de prognóstico? Estaria a própria essência da elaboração leninista equivocada? Talvez o imperialismo represente, no final das contas, uma fase ainda progressiva de desenvolvimento capitalista?

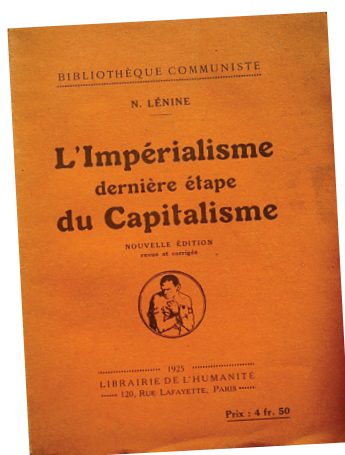
Ora, Lenin jamais pensou no fim do capitalismo como um processo inevitável, fruto natural

do desenvolvimento econômico e social. A essência de Lenin é a política, a capacidade de organização e ação revolucionária do proletariado. Lenin jamais concebeu uma história sem sujeito, uma sucessão fria de fases econômicas. Para Lenin, assim como para Marx, a história é a história da luta de classes.

A luta de classes se deu de tal forma no século 20, que o proletariado se viu incapaz de derrotar o sistema capitalista. A Revolução Russa, que deveria ser apenas o começo da revolução europeia e mundial, se viu isolada, destruída pela guerra civil e parasitada por uma burocracia que sonhava secretamente com a restauração do capitalismo. Essa mesma burocracia, ao se tornar também a direção do proletariado mundial, manteve o movimento operário em todo o planeta sob um rígido controle, destruiu a democracia operária e prostituiu a bandeira vermelha do socialismo. Tal foi o mal causado pelo stalinismo, que o proletariado mundial chegou no final do século 20 tendo perdido todas as suas conquistas mais importantes: a União Soviética e os outros estados operários sur-

gidos depois da Segunda Guerra Mundial. A crise de direção do proletariado, a questão das questões, se aprofundou enormemente desde que Lenin escreveu *Imperialismo*. E como nenhuma formação social cai por si só (precisa ser derrubada), aconteceu que o capitalismo se manteve de pé contra toda a previsão histórica, contra toda a lógica, contra toda a civilização.

Mais uma vez, quem nos explica é Trotski em *O Programa de Transição*: “Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária”.



Capa da primeira edição, lançada em francês

SAIBA MAIS

Socialismo ou barbárie?

Para os marxistas, o atraso histórico na revolução socialista não deve ser motivo de desespero ou desmoralização. Nossos prazos não estão fixados nos manuais. As bases objetivas para a revolução socialista seguem colocadas, e isso é o mais importante. A humanidade

não superou o imperialismo. É verdade que a barbárie avança e pode se instalar no mundo, mas isso ainda não aconteceu. Em linhas gerais, pode-se dizer que, desde Lenin, o imperialismo apenas agudizou seus traços parasitários e contrarrevolucionários. Mas a his-

tória segue à disposição do proletariado. A época da revolução socialista mundial, das guerras e revoluções, do imperialismo e dos monopólios, essa época desvendada por Lenin em seu pequeno livro segue vigente. A janela histórica continua aberta. Sigamos nosso curso.

PROFESSORES DO CEARÁ

Não é mole não! Greve geral da Educação!

**EUCLIDES DE AGRELA,
DE FORTALEZA (CE)**

No último dia 25 de abril, quando comemorávamos a Revolução dos Cravos, que derrubou a ditadura salazarista em Portugal em 1974, teve início a greve dos professores do Ceará contra o governador Camilo Santana (PT). A greve foi votada quase por unanimidade numa assembleia que reuniu mais de três mil professores no dia 20 de abril. Apenas uma dúzia de professores votou contra a greve, seguindo o presidente do sindicato dos professores (Apeoc), Anizio Melo, dirigente do PT.

AJUSTE FISCAL PESADO

Os professores vêm sofrendo, e respondendo com muita disposição de luta, uma série de ataques do governo Camilo Santana, que aplica um pesado ajuste fiscal nas contas públicas do Estado. Seu objetivo é garantir o pagamento da dívida com a União e com bancos privados, bem como a isenção fiscal de R\$



Professores do estado decidem pela greve em assembleia no dia 20 de abril.

1,5 bilhão para as grandes corporações nacionais e estrangeiras instaladas em solo cearense, como o complexo da Termoelétrica do Pecém. Essas medidas afetam, sobretudo, o orçamento da saúde e da educação.

Já no apagar das luzes de 2015, a Secretaria de Educação do Estado baixou uma portaria de lotação dos professores para o 2016 que: 1) acabou com

o Professor Coordenador de Área (PCA), que tinha 100h/mês para coordenar cada grande área de estudo – ciências humanas, ciências da natureza e matemática e linguagens e códigos; 2) reduziu drasticamente as horas de laboratórios de informática, física, química e biologia; 3) reduziu as horas do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT), que garantia horas extraclasses

para o acompanhamento de todas as turmas por um respectivo professor; 4) demitiu cerca de três mil professores temporários e obrigou inúmeros professores efetivos a buscarem aulas em outras escolas para completar sua carga horária.

FALTA TUDO

Além disso, durante todo o primeiro bimestre de 2016 hou-

ve um salto na crise da infraestrutura das escolas, a ponto de faltar desde ventiladores até papel e toner para imprimir provas. A merenda também foi afetada pelo corte de verbas. Atualmente, o governo estadual gasta apenas R\$ 0,30 por aluno/dia. Por conta do atraso dos processos de licitação, muitas escolas só oferecem um suco aguado e bolacha na merenda, enquanto outras tantas não tiveram como oferecer sequer isso para seus alunos.

GOTA D'ÁGUA

O coroamento desses ataques veio com o anúncio feito pelo governador de que só daria uma resposta sobre o reajuste salarial dos professores e do conjunto do funcionalismo estadual em junho, sendo que a data base da categoria foi em janeiro. A categoria já vai para 150 dias sem reajuste. Foi a gota d'água para o início da greve. A maioria absoluta dos professores encontra-se parada em todo o estado desde o final da primeira semana de greve.

TODOS JUNTOS!

Greve construída com estudantes, pais de alunos e comunidade

A greve dos professores, que quando fechávamos esse artigo entrava na sua segunda semana, conta com um forte apoio da população. Os professores vêm realizando reuniões com alunos, pais e comunidades em todos os bairros de Fortaleza e em várias cidades do interior do estado. Em vários bairros da capital, como Antônio Bezerra, Conjunto Esperança e José Walter, ocorreram manifestações de rua em apoio à greve. Já são três escolas ocupadas pelos estudantes: a EEM CAIC e a EEFM João Mattos, em Fortaleza, e a EEM Polivalente, em Juazeiro do Norte.



Alunos ocupam escola em apoio à greve de professores

MOVIMENTO DE OPOSIÇÃO SINDICAL

Construindo oposição combativa à direção do sindicato

O Movimento de Oposição Sindical (MOS) nasceu das lutas dos professores, em 2014, para defender um sindicato independente do governo do Estado, democrático e controlado pela base da categoria. Ele vem se destacando desde a luta contra a portaria de lotação de 2016, sendo atualmente parte fundamental da construção da greve pela base.

O MOS é composto por militantes de várias correntes po-

líticas de esquerda em oposição aos governos Dilma e Camilo, anarquistas e professores independentes. O movimento busca construir sua unidade na diversidade através de plenárias públicas e democráticas, de uma coordenação e de grupos de trabalho abertos à participação de todos os professores de base. Os militantes do PSTU participam ativamente do movimento de oposição e são parte da sua coordenação.

EM TEMPO

Camilo sofre derrota jurídica

No dia 29 de abril, a desembargadora Helena Lúcia Soares, do Tribunal de Justiça do Ceará, negou a ilegalidade da greve dos professores da rede estadual solicitada pelo governo estadual. Ela disse, em seu despa-

cho, que as motivações alegadas pelo governo para a ilegalidade do movimento grevista não são suficientemente fortes para tal decisão. Esta vitória jurídica reforçou mais ainda a disposição de luta da categoria.

COVARDIA

Servidor do Ibama é demitido por lutar

Carlos Daniel Gomes, trabalhador, pai de três filhos, gay e sindicalista, foi demitido dois dias antes do 1º de maio, Dia do Trabalhador, quando ainda estava de férias. A demissão é resultado de uma perseguição política implacável contra o servidor federal, funcionário do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), iniciada em 2010 pela direção do órgão e pelo governo do PT. Há seis anos, Carlos Daniel esteve à frente da fiscalização do Porto de Santos que levou à multa por falta de licença ambiental.

Desde então, inúmeros processos administrativos foram abertos contra ele, cada um com uma justificativa mais absurda que a outra. Processo porque Carlos Daniel emitiu opinião crítica sobre o Ibama. Proces-

so contra o fato de o servidor e sindicalista ter publicizado documentos do Ibama que demonstram desleixo com legislações ambientais e favorecimento a doadores de campanha do governo. Processo baseado em declarações à imprensa na qual o sindicalista denuncia o sucateamento do Ibama e a utilização do órgão pelo PT. Questionamentos à licença médica, um direito do trabalhador. Inúmeros processos com diferentes razões, mas com um único objetivo: calar e criminalizar um lutador e impedir sua atuação ao lado da categoria contra o patrão, o governo do PT.

No último processo, o que levou à sua demissão, foi argumentado que, durante a gestão em que era secretário-geral do Sindicato dos Servidores Federais de São Paulo (Sindsef-SP), Carlos Daniel teria apresentado declarações falsas de comparecimento sindical e porque teria, supostamente, discre-

pância entre o ponto biométrico e a catraca de acesso ao prédio do Ibama. *“Fui demitido na quinta-feira. Confesso que o pior foi dar a notícia para os meus filhos e vê-los chorar diante da tragédia. Mas, desde então, uma coisa boa aconteceu. Fui cercado por uma rede de solidariedade de diversos colegas do Ibama, do serviço público, do movimento sindical e LGBT, que me fizeram não sucumbir nesse momento tão duro”,* desabafa o servidor.

A verdade é que a demissão é o coroamento do forte processo de assédio moral enfrentado pelo dirigente sindical, que esteve à frente de importantes lutas travadas pelo sindicato em defesa dos direitos dos servidores públicos federais. Uma política criminalizadora e antissindical, que visa intimidar e assediar os ativistas sindicais, silenciando os que lutam. Não permitiremos! A luta pela reintegração de Carlos Daniel é uma luta de todos os trabalhadores. É uma luta contra a criminalização dos lutadores. É uma luta em defesa dos servidores e do serviço público!

Petição online

ASSINE

Pela reintegração de Carlos Daniel ao Ibama-SP



PROIBIDO PROIBIR

Lei da Mordança na sala de aula



Professores protestam na Assembleia Legislativa de Alagoas

A Assembleia Legislativa de Alagoas aprovou o Projeto de Lei Escola Livre, que visa impedir os professores de expressarem opinião em sala de aula. A lei criminaliza os professores, que “estarão sujeitos a sanções e às penalidades previstas no Código de Ética Funcional dos Servidores Públicos e no Regime Jurídico Único dos Servidores Públicos Civil do Estado de Alagoas”. Ou seja, se o professor emitir opinião em sala de aula contrária à posição de seus alunos em re-

lação a política ou religião poderá ser demitido.

A lei traz de volta a censura em sala de aula, põe uma mordança na boca dos professores. É um atentado contra a liberdade de expressão e opinião e uma afronta à liberdade de ensino. A educação não pode ser calada. Escola tem de ser para mudança. A lei ainda é inconstitucional, já que a Constituição brasileira defende a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”.

NÃO VAI TER XIXI

A raposa no galinheiro

O deputado federal Laércio Oliveira (SD-SE), através do Decreto-Lei 5452/43, que tramita na Câmara, quer alterar a CLT para descontar da jornada de trabalho o tempo que o funcionário gasta ao trocar o uniforme, tomar café, lanche e até descontar o tempo em que o trabalhador usa pra ir ao banheiro.

O deputado legisla em causa própria. Ele é vice-presidente da Federação Nacional do Comércio, dono do grupo econômico de empresas de serviços terceirizados (à exemplo da Multiserv e Multiseg), responsável por retomar a discussão do Projeto de Lei 4.330/04 sobre a tercei-

rização no Brasil e, por isso, interessado que os trabalhadores tenham cada vez menos direitos, até mesmo o de fazer xixi durante o trabalho.

Deputado
Laércio
Oliveira
(SD-SE)



SECUNDAS DO RIO

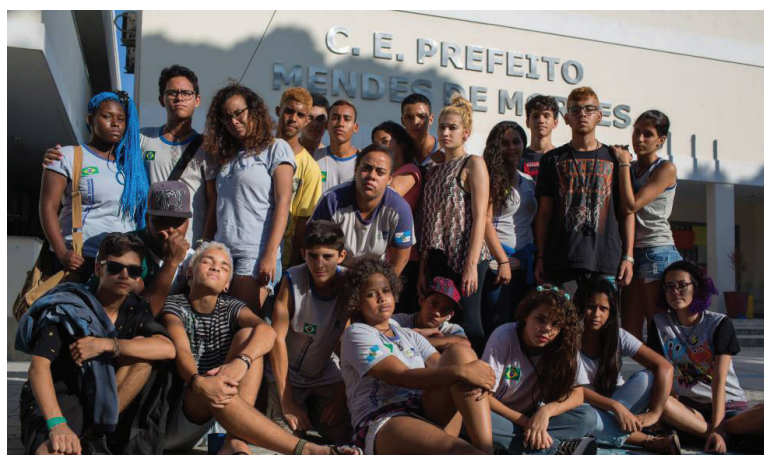
OCUPA TUDO!

JÚLIO ANSELMO,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

Mais de 70 escolas estão tomadas pelos secundaristas no Rio de Janeiro. A força da luta tem, inclusive, inspirado ocupações no Ceará e a volta das ocupações em São Paulo (leia abaixo).

A postura do governo continua sendo de enrolar e ameaçar. Além de não negociar com o comando unificado das escolas ocupadas, a Secretaria de Educação adiantou as férias escolares, que iniciaram no dia 2 de maio. O governo também avisou: se a luta continuar até julho, vai fazer os alunos perderem o ano letivo.

Mas os secundaristas começam a organizar manifestações de rua e tranças nas escolas para avisar que o governador Luiz Fernando Pezão (PMDB) e do vice Francisco Dornelles não terão descanso enquanto não atenderem ao movimento. A luta unificada de trabalhadores e estudantes é a única alternativa para derrotar os governos e seus ataques!



Marisa Monte se apresenta numa ocupação; abaixo, estudantes que ocupam o Colégio Prefeito Mendes

SECUNDAS DE SÃO PAULO

A luta não acabou!

FLÁVIA BISCHAIN,
DE SÃO PAULO (SP)

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) desafiou, mais uma vez, os estudantes de São Paulo. No início do ano, cortou 78% das verbas das escolas técnicas (Etec). Isso resultou no fechamento de salas e de cursos inteiros, cortes de funcionários e falta de materiais. Nos cursos integrais, os estudantes são obrigados a ficar oito horas na escola de barriga vazia. Isso porque as Etecs não têm nenhuma estrutura pra garantir alimentação. Muitas não têm sequer cozinha. Quando muito, o governo entrega “merenda seca”, suco e bolacha, mas até isso foi afetado com o corte.

No dia 28 de abril, estudantes paralisaram suas escolas e se uniram num ato na Avenida Paulista, que resultou na ocupação



do Centro Paula Souza. Mostrando a experiência de luta adquirida no ano passado, outras Etecs foram ocupadas nos dias seguintes. Uma delas foi a Etec Paulistano, em Brasilândia, periferia da zona norte da capital, que teve sua verba reduzida de R\$ 3.950 para R\$ 869. “Isso não basta nem pra sustentar uma casa com quatro pessoas, imagina uma Etec”, disse uma estudante.

Na manhã de 2 de maio, a Tropa de Choque da Polícia Militar invadiu o Centro Paula Souza

pela porta de trás, jogando bombas de gás. O secretário de Segurança do Estado acompanhou toda a operação. Os estudantes resistiram bravamente. Como não havia mandado judicial, a invasão da polícia foi considerada ilegal pelo próprio Tribunal de Justiça. Foi lindo ver os policiais se retirando sob gritos e palavras de ordem como “não tem arrego!” e “eu quero ver o fim da Polícia Militar”. O que não falta para os secundaristas é força e disposição de luta.

RIO DE JANEIRO

Greve geral dos servidores contra ajuste

JÚLIO ANSELMO,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

A crise no estado do Rio de Janeiro se agrava a cada dia. Os salários dos servidores públicos, além de mal pagos, estão atrasados e parcelados. Os trabalhadores terceirizados estão sendo demitidos, muitas vezes sem receber seus direitos. Os hospitais estão numa crise brutal. O hospital universitário Pedro Ernesto corre risco de fechar pela falta de repasse de verbas. A privatização da saúde com as famigeradas Organizações Sociais (OS) contribui para a situação lastimável. As OSs, inclusive, estão sendo investigadas por corrupção. Na educação pública, o cenário não é diferente: a infraestrutura nas escolas é péssima e falta de tudo.

CULPADOS

A lógica do governo do Estado, em aliança com o governo Dilma, é aplicar um duro ajuste fiscal para que os trabalhadores e a juventude paguem a conta da crise econômica que não é nossa. Na verdade, desde o governo de Sérgio Cabral (PMDB), o estado do Rio vem concedendo uma série de isenções fiscais, polí-

tica cuja continuidade foi garantida pelo atual governador Pezão. Foram liberados R\$ 39 milhões para a Supervia pagar uma dívida com a Light, por exemplo. Ambas as empresas são controladas por empreiteiras envolvidas no escândalo da Lava Jato, como Odebrecht e Andrade Gutierrez. Além disso, o governo aprovou quase R\$ 1 bilhão a mais para a obra da linha 4 do metrô, também controlada pela Odebrecht. Ou seja, uma farra de contratos superfaturados e fraudados para enriquecer os empreiteiros. Sem contar os bilhões que estão sendo destinados para as Olimpíadas. Nos últimos meses, o governador Pezão e o vice Dornelles anunciaram um duro pacote de maldades que visava retirar direitos dos trabalhadores. O aumento da contribuição previdenciária para os servidores é, na prática, um corte nos salários.

De outro lado, cortaram milhões de reais da saúde e da educação, como mostram as dezenas de escolas ocupadas por secundaristas que resistem à enrolação do PMDB, que já mostra bem o que fará esse partido no país inteiro caso Michel Temer assuma a presidência.

